

**AJES - FACULDADE DO NORTE DE MATO GROSSO**

**CARIN AVILA DOS ANJOS**

**SER MÃE UMA ESCOLHA OU UMA OBRIGAÇÃO?**

**GUARANTÃ DO NORTE - MT  
2022**

**FACULDADE DO NORTE DE MATO GROSSO - MT - AJES**

**CARIN ÁVILA DOS ANJOS**

**SER MÃE UMA ESCOLHA OU UMA OBRIGAÇÃO?**

Projeto de Conclusão de Curso Obrigatório  
apresentado ao Curso de Bacharel em  
Psicologia da Faculdade do Norte de Mato  
Grosso -MT-AJES como requisito parcial para  
a obtenção do título de Bacharel em Psicologia,  
sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dalila Mateus  
Gonçalves

**GUARANTÃ DO NORTE – MT  
2022**

## AJES - FACULDADE DO NORTE DO MATO GROSSO

ANJOS, Carin Avila dos. **SER MÃE UMA ESCOLHA OU UMA OBRIGAÇÃO?**  
. AJES – Faculdade do Norte de Mato Grosso, Guarantã do Norte – MT, 2022.

**Data da defesa:** 23/11/2022

### MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA



**Presidente e Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dalila Mateus Gonçalves.**

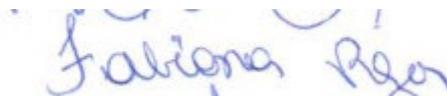
Faculdade do Norte de Mato Grosso - AJES/GARATÃ



---

**Membro Titular:** Esp. Carlos Alberto Alvim Franzini Junior:

AJES/GUARANTÃ



---

**Membro Titular:** Me. Fabiana Rezer:

AJES/GUARANTÃ

Local: Associação Juinense de Ensino Superior

AJES - Faculdade do Norte de Mato Grosso MT

AJES - Unidade Sede, Juína – MT

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

Eu, **CARIN AVILA DOS ANJOS**, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico – científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado, **SER MÃE UMA ESCOLHA OU UMA OBRIGAÇÃO**, pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referências à fonte e ao autor.

Guarantã – MT, 2022.



---

Carin Avila dos Anjos

## SER MÃE UMA ESCOLHA OU UMA OBRIGAÇÃO?

ANJOS, Carin Avila dos <sup>1</sup>  
GONÇALVES, Dalila Mateus<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo mostrar através de dados científicos como as mulheres são tratadas quando o assunto é ser mãe, uma vez que a cobrança por parte da sociedade em relação à maternidade e sua obrigatoriedade são bem reais. Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica com pesquisas realizadas nas principais bases de dados gratuitas disponíveis em: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), revistas online e livros que tratem do assunto pertinente a mulher e a maternidade. A pesquisa busca encontrar evidências que demonstrem a imposição da sociedade referente a maternidade e o sofrimento que isso traz para a mulher, através dessa pesquisa foi possível observar que a exigência em relação a mulher ser mãe é bem mais presente do que se possa esperar, mesmo nos dias atuais essa cobrança existe, sendo possível observar nos resultados que muitas mulheres sofrem com tal imposição, conclui-se que a sociedade impõe a maternidade como forma de obrigação, trazendo sofrimento a muitas mulheres que optam por ser mãe como forma de agradar a terceiros, e dessa maneira causando prejuízo para seu bem estar físico social e psicológico.

**Palavra-chave:** Maternidade. Mãe. Patriarcado. Obrigatoriedade.

### ABSTRACT

This research aims to show through scientific data how women are treated when it comes to being a mother, since the demand by society in relation to motherhood and its obligation are very real. This is a bibliographic review research with research carried out in the main free databases available at: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS), online journals and books that address the relevant issue of women and motherhood. The research seeks to find evidence that demonstrates the imposition of society regarding motherhood and the suffering that it brings to women, through this research it was possible to observe that the requirement in relation to the woman being a mother is much more present than one might expect, even nowadays this charge exists, and it is possible to observe in the results that many women suffer from such an imposition, it is concluded that society imposes motherhood as a form of obligation, bringing suffering to many women who choose to be a mother as a way of pleasing others, and thus causing damage to their physical, social and psychological well-being.

**Keywords:** Maternity. Mother. Patriarchy. Obligation.

---

<sup>1</sup> ANJOS, Carin Avila dos: Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da AJES - Faculdade do Norte de Mato Grosso MT, E-mail: [avilacarinanhos@hotmail.com](mailto:avilacarinanhos@hotmail.com).

<sup>2</sup> GONÇALVES, Dalila Mateus: Professora e Coordenadora do curso de Bacharelado em Psicologia na AJES -Faculdade do Norte de Mato Grosso, e-mail: [dalilag96@hotmail.com](mailto:dalilag96@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo, demonstrar a imposição que a sociedade faz referente a maternidade e o sofrimento que isso traz para a mulher, as mulheres são tratadas muitas vezes como mero artigo de procriação, e quando o assunto é ser mãe, à obrigação que a sociedade coloca sobre a mulher a imposição a respeito da maternidade, a obrigatoriedade para que a mulher se torne mãe é bem presente e causa inúmeros sofrimentos em uma grande parcela de mulheres.

O Brasil tem uma forte influência em sua cultura, que veio dos países europeus durante a colonização, o conceito de maternidade sofre essa interferência advinda da Europa, nos estados europeus por volta do século XVII quem predominava e tomava todas as decisões era sempre os homens, cabendo a mulher cumprir apenas o papel de dona de casa e mãe, a mulher não podia expressar suas opiniões, e cabia ao homem decidir por ela, o homem era apoiado pela igreja que o intitulava como representante de Deus na terra e suas decisões não poderiam ser questionada pela mulher, sob o risco de desagradar a Deus, (SILVA, 2020).

Os meios de comunicação e a sociedade também demonstram a maternidade como um fenômeno desejável pela mulher e natural ao cotidiano, usam os meios religiosos e ideológicos para tirar o direito de escolha da mulher, em meio a esse processo de escolha ou não pela maternidade inúmeras mulheres adoecem. Mesmo quando a mulher opta por não gerar um filho, ainda nos dias atuais causam estranheza e reprovação por parte da maioria. Diante disso as mulheres fazem uma corrida para agradar a maior parte da população, e se torna corriqueiro o sofrimento de mulheres que buscam por meios médicos para engravidar devido uma cobrança da sociedade, e o papel da mídia diante desse cenário vem reforçando os valores de que a mulher deve ter filhos, (KOSHIYAMA, 2017).

Muitas mulheres têm optado por não ser mãe, devido a esse posicionamento, a maternidade tem sido vista de forma a não ser mais uma necessidade feminina, e sua imputação não pode ser obrigatória, uma vez que muitas mulheres se posicionam por não viver esse momento, o amor materno passa então a ser visto como uma condição não específico a vivência feminina e sim de direito de escolha de cada mulher, sendo assim a maternidade não precisa ser vista como um lugar de reconhecimento e a mulher pode buscar recompensas para além do núcleo familiar já que a identidade feminina não está atrelada a necessidade de ser mãe, (PATIAS; BUAES, 2012).

Diante de tal hipótese, é importante observar a subjetividade da mulher, não unicamente através da maternidade, sabendo que na contemporaneidade cada mulher tem buscado por sua

individualidade, seus projetos passam a ter uma relevância frente à sociedade, a mulher de hoje busca sua particularidade, e prioriza por seus planos, que vai além do fato de ser mãe, ela se realiza para além do núcleo familiar e se encontra completa sem a necessidade de procriar para só então se sentir completa.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa descritiva em que foram coletados dados a partir de materiais científicos, sendo estes artigos, livros, sites e revistas. Tendo como base as plataformas de dados: SciELO (Scientific Electronic Online), LILACS (literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde).

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL, 2008, p. 50).

Baseado nessas informações, este artigo trouxe uma revisão literária buscando em materiais científicos uma revisão sobre o tema proposto. As pesquisas foram realizadas entre 08 de março de 2022 a novembro de 2022, como norte para a presente pesquisa foi utilizado as seguintes descrições: Mãe, maternidade, mulher, escolha, violência. Para guiar a revisão bibliográfica foi elaborado o seguinte problema de pesquisa: Como a sociedade impõem a maternidade para mulher e o sofrimento que isso traz? A partir disso foi reunindo material sobre o assunto principal.

Para o critério de inclusão foi utilizado materiais encontrados a respeito do tema, sem recorte temporal, em relação ao critério de exclusão foi descartado materiais que demonstravam outros sofrimentos ligados à mulher, porém não faziam menção a maternidade. Ao ser investigado o tema: Como a sociedade impõe a maternidade para mulher, quando a questão é ser mãe ou não, percebeu-se que é um tema envolvido ainda em muitos tabus, e que mesmo sendo um assunto muito relevante para sociedade como um todo ainda é pouco discutido na literatura.

### 3 RESULTADO E DISCUSSÃO

É necessário compreendermos a história da mulher e do patriarcado para a partir desse entendimento estabelecer uma ligação entre a mulher e sua atual situação e o direito de dizer não para maternidade, a história da mulher está fortemente ligada ao patriarcado, uma vez que os homens sempre detiveram o poder sobre elas, durante toda a história da humanidade as mulheres foram subordinadas aos homens, que através do controle e do poder exerciam sobre elas um grande domínio, esse sistema passa a ser modificado quando dá início ao movimento feminista que estabelece alguns direitos para mulher trazendo uma nova perspectiva no campo feminino. (HORNEY; BURGER; RIBEIRO, 2021).

Embora algumas coisas tenham mudado, o patriarcado ainda tem sua força, é apontado por alguns escritores que o sistema patriarcal tem início aproximadamente a três mil anos a.C. e continua mantendo sua potência através da soberania que os homens exercem sobre as mulheres, a família, e a sociedade. O homem em troca da submissão da mulher, vai manter financeiramente esse lar com a promessa de sustento e proteção, exigindo da mulher trabalhos domésticos, servidão sexual, cuidados com os filhos, entre outros, e tudo isso sem uma probabilidade de remuneração por seus trabalhos prestados dentro do lar (LERNER, 2019).

Podemos ver claramente conforme relata o autor acima citado, a influência negativa causada pelo patriarcado sobre as mulheres e toda a sociedade é visível, elas sofrem por causa do controle e opressão mantida sobre todos os membros da família e principalmente sobre a mulher, causando cicatrizes marcantes para uma vida toda, pois subjagam a mulher como alguém inferior e incapaz de competência em relação ao homem.

Uma vez esse cenário estabelecido o homem passa a entender que ele é mais importante que a mulher já que diante da sociedade e do mercado de trabalho ele tem um valor maior, logo ele é mais importante que a mulher, e a partir disso entende que a mulher deve lhe proporcionar prazer e sexo. Embora o homem reconheça que tem uma parcela na procriação, alguns homens podem entender que os filhos é mais um indivíduo para ele sustentar. (TRAVASSOS, 2003).

Diante desse quadro, muitas mulheres passam a evitar seus parceiros na tentativa de não ter filho, uma vez que a gravidez não é reconhecida e traz consigo grande desconforto, dores durante todo o período gestacional, probabilidade de morte no parto, sem contar que tem todo o cuidado com o filho que está por chegar e na maioria das vezes é de responsabilidade da mulher. O homem por sua vez não abre mão do prazer que ele tem como seu direito, e faz uso do seu patriarcado muitas vezes forçando o sexo, (HORNEY, BURGER, RIBEIRO, 2021).

A história das mulheres demonstram algumas melhorias, principalmente para as mulheres brancas e de classe média alta, que tiveram alguns direitos conquistados, porém para alguns antropólogos e historiadores pode se apresentar como uma certa “liberdade”, mas na verdade o que ocorreu foram algumas mudanças no patriarcado, para responder a algumas necessidades femininas, ou seja não mudaram de fato, apenas o sistema de se apresentar e se impor mudou. As mulheres têm avançado em suas conquistas, mas é fantasioso dizer que há um corte entre a mulher e o patriarcado, (EDUARDA, 2020).

Por muito tempo elas foram privadas, não tinham direito a educação, foram barradas, não podiam dar origem a sistemas de símbolos, filosofia , ciência e leis, como citado anteriormente: é preciso estratégias para ter as mulheres em subordinação, e a cooperação delas mesmas para dar continuidade ao patriarcado, e é através da extinção da história de conquistas e lutas das mulheres que elas são submetidas a esse sistema patriarcal. Fazer com que se esqueçam a história, ou não registrar elas, são uma das estratégias para dominar as mulheres.

É com o registro do passado que se consegue projetar melhorias para o futuro, esse elo liga a mulher do passado com a mulher do futuro, sem uma história a mulher fica fadada a um futuro dominado pelos homens no qual ela compreende que é inferior e precisa ser protegida por eles, (LENER, 2019).

Por volta dos anos 80 surgem as leis de políticas públicas voltada para as mulheres a fim de garantir o combate a violência e direito à saúde, foi nessa época que foram criados alguns Conselhos, como: O Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF), Conselho Nacional dos Diretores da Mulher (CNDM) , E a primeira delegacia especializada na defesa da mulher, em decorrência da importância de se ter uma nova constituição, as mulheres se uniram neste período, juntando suas forças em busca de seus direitos . (TASSINARI, 2021).

Conforme a autora a cima citado, foi entregue no Congresso Nacional uma carta intitulada como: “Carta da Mulher Brasileira aos Constituintes”, que trouxe grandes benefício na constituição de 1988, sendo um marco na luta a favor das mulheres, tendo uma aceitação em torno de 80% em relação às reivindicações expostas na carta, tornando assim a constituição Cidadã o maior instrumento jurídico que protege os direitos das mulheres. A partir desses direitos é conquistado a lei de regulamentação da fecundidade, lei de planejamento familiar L'9263 de 1996, que proporciona os mesmos direitos para o homem como para mulher, garantindo assim direito de constituição, limitação, ou aumento da prole pela mulher, pelo o homem ou até mesmo pelo casal. A lei de planejamento familiar indica que se tenha uma igualdade em se tratando de esterilização, todavia os cônjuges precisam permitir, para que só então possa ser colocado em prática, (BRASIL, 1996).

Essa necessidade da autorização do casal em se tratando de permissão para esterilização, composta no parágrafo cinco do artigo 10 da lei L'9263/96, vem reforçar o controle do patriarcado sobre a mulher em relação a maternidade, levando assim ao entendimento que mesmo que a mulher não queira engravidar ela não pode optar pela esterilização, dessa maneira fere novamente o direito de escolha da mulher que não pode mandar em seu próprio corpo e tomar suas próprias decisões.

O fato de a maternidade ser instrumentalizada colocando a mulher em um papel de objeto reprodutor e suas respectivas crias como "troféu" e "atestado" virilidade para o homem torna cada vez mais forte a pressão social para que esta opte por ser mãe, e quando não quer, é hostilizada e marginalizada pela sociedade, como se seu papel no convívio fosse apenas o de ser mãe e dona de casa. A partir desta perspectiva ignora-se totalmente a mulher como ser humano, que detém sonhos, vontade própria e liberdade, reduzindo-a a mero utensílio, cerceando sua liberdade e retirando sua dignidade. (TASSINARI, 2021, p. 5).

De acordo com IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, SIS, a última pesquisa feita em 2010 mostra que as mulheres que têm um grau de escolaridade mais elevado, torna-se mãe mais tarde, e conseqüentemente tem um número menor de filhos, as mulheres que estudaram até 7 anos tinham em média um percentual de até o dobro de filhos do que as que estudaram 8 anos ou mais, essa taxa refere-se a 13% da fecundidade. Outra desvantagem que as mulheres tem, demonstrada pelo autor a cima citado, diz respeito a desvalorização da mulher em relação ao homem, mesmo que essa tenha um grau de escolaridade acima do sexo masculino, as mulheres que ocupam o mercado de trabalho ganham em média 70,07% a menos que eles. Essa situação fica ainda mais grave quando os dois têm mais de 12 anos de estudo, chegando o rendimento das mulheres 58% em contraste com o dos homens.

A carga horária das mulheres no mercado de trabalho é de 36,05 horas, em contrapartida os homens trabalham em média 43,9 horas semanais, as mulheres trabalham menos na rua, porém não são dispensadas dos afazeres em casa, no qual é dedicado em média 22 horas semanais, enquanto o homem ocupa 9,5 horas. As mulheres acabam tendo uma dupla jornada de trabalho. As pesquisas do IBGE, demonstram que nos últimos 10 anos as mulheres têm tido um declive na fecundidade devido todos esses agravantes (IBGE, 2010).

Gráfico 1: Horas de trabalho em ambos os sexos



Fonte: (A AUTORA, 2022).

O que se espera de uma mãe? Que ela se sacrifique pela família, filhos, chefes e dê conta de tudo. Para a autora citada, a dificuldade não está em ser mãe e sim na maneira que o sistema patriarcal conduz tudo, as mulheres devem ter o direito de ser mãe, mas o contrário também deve ser garantido, ou seja toda mulher deve ter o direito de não querer ser mãe (VIVAS, 2019).

A preocupação quando o assunto é ser mãe se estende para várias áreas da vida de uma mulher, uma delas é o momento do parto, que às vezes é tratado com desrespeito e até mesmo com certas violências, é comum presenciar no momento do parto um olhar de medição para gestante. Outra reclamação durante o processo do parto está ligado com a forma que os profissionais de saúde ali envolvidos se apropriam do corpo da mulher, cometendo abusos até mesmo medicamentosos, tirando dessa mulher a sua autonomia, ela não pode durante esse processo tomar suas próprias decisões, fica à mercê de uma equipe que vai decidir por ela, muitas vezes sem nem mesmo comunicar a ela qual serão os passos tomados, tornando essa mulher vulnerável e ficando à mercê da decisão de terceiros e sem direito a opinião. (GITA, et al, 2018).

No Brasil a taxa de agressão sofrida durante o parto está para uma em cada quatro mulheres, essas agressões acontecem no período do pré-natal, durante o trabalho de parto, após o parto, e em caso de abortamento também. Essas agressões tornam o momento da gravidez doloroso, levando a mulher a ter traumas. O momento do parto tornou-se um evento médico, as mulheres são meras coadjuvantes desse processo, diante disso é estabelecido o poder para

equipe que irá atender essa gestante, uma vez esse poder estabelecido começam as violências por parte da instituição, violências física, verbais e morais são praticadas contra a gestante. (GASPERIN. et al, 2019).

Entre as violências mais praticadas contra gestante, estão: o uso de linguagem que dificulta a compreensão, o descaso com a dor, a discriminação quanto o estado financeiro, a raça, gênero e a violência verbal, que humilha e coloca a gestante em posição de perda da sua integridade e dignidade, entre todas, a violência verbal deixa marcas dolorosas, logo a baixo estão algumas frases dita a mulheres no momento do parto.

Frases violentas: "Na hora de fazer foi bom né? Agora aguenta!". "É melhor seu marido não ver o parto, ele vai ficar com nojo de você". "Não grite senão seu bebê vai nascer surdo". "Não chora não, que ano que vem você está aqui de novo". [...] A ocorrência de violência obstétrica implica no aumento dos índices de morbidade e mortalidade materna. (BRANDT. et al, 2018, p. 9).

Passar pelo momento do parto é único na vida de uma mulher, e é seu direito receber um bom tratamento, sem agressões, com respeito com direito a sigilo, sem discriminação, suas escolhas devem ser respeitadas, deve ter direito a um acompanhante escolhido pela parturiente, ela deve ser informado dos procedimentos que irão ser tomados, e a equipe medica envolvida deve ser capacitada cientificamente e consciente dos direitos da gestante envolvida, (FICAGNA. et al, 2022).

A experiência de se tornar mãe é a mais forte vivenciada por uma mulher, é transformadora e engrandecedora, porem também é um momento de muita dor. Ser mãe é uma trajetória de amor e sacrifícios que perduram por toda a vida da mulher. Segundo a autora acima citado muitas mulheres querem apenas ser respeitadas quando a decisão é não ser mãe e não ter que justificar a sua decisão ao restante do mundo, o momento da maternidade é solitário para mulher, e quando opta pelo não ser mãe, precisa ser compreendida e respeitada, e levar em consideração que a mulher não precisa se justificar diante da sociedade sobre uma decisão que é particular. Ser mulher não é sinônimo de mãe, (SOUZA, 2019),

Escolher não ser mães está diretamente ligado a rejeição por um lugar que já é estabelecido pela sociedade para a mulher, a mulher é vinculada a maternidade e quando diz não é vista como uma mulher incompleta, triste, sozinha e sua feminilidade não é afirmada. Os movimentos feministas tem lutado para que esse vínculo entre ser mulher e ser mãe possa ser desfeito. O pensamento feminista permite que a mulher se liberte da opressão em relação a maternidade, assim sendo a mulher fica livre para escolher e refletir se deseja ou não ser mãe, (EMÍDIO, 2019).

O valor social e pessoal a respeito da maternidade conforme autora a cima citada, ganha um novo destaque quando a mulher pode fazer uso de métodos anticoncepcionais, desvincular a mulher da maternidade tira de sobre ela o peso em relação a fecundidade, essa mulher pode então ter uma vida sexual livre e ter o direito de escolher em que momento quer ser mães.

Sobre a mulher, considerando a escolha pela não maternidade algo que se dá individualmente, ligado a problemas pessoais, traumas relacionados à maternagem recebida, sendo quase sempre atrelados a perturbações psicológicas, e o repertório de investigação baseado em uma análise das relações com as figuras maternas, da negação da feminilidade, da baixa autoestima, de posturas narcísicas e depressivas. Não se atenta a quanto esse movimento se liga a um posicionamento das mulheres na atualidade, diante das transformações do feminino, do olhar para a maternidade e de como estas se relacionam com os imperativos sociais que ao longo do tempo sempre influenciaram as vivências do feminino e da maternidade. (EMÍDIO; GIGEK, 2019, p. 189).

As mulheres travam uma luta por seus direitos a anos, movimentos sociais conquistam pouco a pouco alguns privilégios para as mulher, diante do patriarcado o conservadorismo e em meio a oposições e resistências, o feminino vem ganhando seu espaço e o benefício de escolher, como fazer suas escolhas sexuais, e até mesmo o direito de escolher seu o próprio marido. Com os movimentos em prol ao feminino ganhado espaço, a mulher vai dia a dia conquistando seu lugar de escolha, como uma simples decisão do que fazer com seu próprio corpo,

A consciência militante da mulher, e a coletividade despertam para a própria consciência que a mulher tem em relação a si mesma e a outra mulher, compondo assim os vínculos sociais colocando-se como senhoras de si mesmas, de suas vivencias suas escolhas seus direitos seu corpo. (LOPES, 2019).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando iniciou-se o presente trabalho de pesquisa, constatou-se que a maternidade é um tema muito amplo e de suma importância para toda humanidade, e pesquisar sobre o assunto é significativo para a sociedade em geral uma vez que ser mãe é a forma de dar continuidade a espécie, porém não deve ser uma forma de obrigação e sofrimento para mulher. a violência contra a mulher vai muito além de espancamentos e morte, é uma violência que muitas vezes é silenciosa, outrora se apresenta como forma de cuidado e preocupação, porém afeta física e psicologicamente essa mulher, trazendo sofrimento para ela e conseqüentemente para a sociedade como um todo.

Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral analisar a imposição da sociedade referente a maternidade e o sofrimento que isso traz para a mulher, e efetivamente a revisão

demonstrou que a sociedade impõe como forma de obrigação a maternidade, na qual a mulher se encontra muitas vezes em um papel de não escolha, e não poder optar pela não maternidade traz um sofrimento significativo para a mulher. Foi por tanto constatado diante da pesquisa feita que a obrigação imposta referente a maternidade gera sofrimento para a mulher pois tira dela o direito de escolha.

Constatou-se que o patriarcado ainda exerce uma força expressora sobre a mulher, embora alguns direitos tenham sido conquistados os estudos mostrarão que aconteceram mudanças, porém é irreal dizer que a mulher é livre totalmente do sistema patriarcal. O homem ainda domina a mulher com a promessa de cuidado e sustento em troca de seus desejos serem atendidos sejam eles sexuais ou de trabalhos que a mulher possa lhe prestar.

Constatou-se que o sofrimento enfrentado durante e após o processo do parto, onde muitas vezes a mulher é submetida a maus tratos, desrespeitada e ridicularizada, é um dos fatores que fazem com que muitas optem por não passar pelo processo da maternidade. O período gestacional é um momento delicado e de sofrimento e é a mulher unicamente que passara por esse processo, nada mais justo que a escolha seja dela de enfrentar ou não essas dificuldades.

Outro fator encontrado no presente trabalho foi à sobrecarga de uma dupla jornada de trabalho que as mulheres enfrentam e que interfere na escolha de ser mãe, a desvalorização no mercado de trabalho e o pouco apoio da figura masculina no que diz respeito aos cuidados com a criança em si. Constatou-se que a mulher tem uma carga horária de trabalho mais extensa que os homens, elas trabalham um pouco menos na rua porém ao chegar em casa o trabalho continua, e as pesquisas demonstraram que a diferença entre a carga horária de trabalho no lar entre homens e mulheres é muito grande, enquanto a mulher trabalha 22 horas semanais dentro de casa o homem trabalha 9,5 horas, sendo esse um fator apontado pelas pesquisas do IBGE como um dos fatos que proporciona a escolha pela não maternidade.

Durante o trabalho constatou-se que as mulheres na maioria das vezes não têm direito as suas próprias escolhas, que o sistema e a sociedade oprimem seu direito de decisão com o discurso de cuidado e proteção. Que junto com a alegria da maternidade vem o sofrimento, e que ser mãe nem sempre vai ser a melhor escolha para uma determinada mulher. O presente trabalho demonstrou que as mulheres lutam por seus direitos a anos, direitos esses que já deveriam ser seus sem nem uma oposição e que são usurpados com um discurso de uma falsa liberdade.

Praticamente toda espécie depende da procriação para continuidade, e por assim ser esse é um tema relevante e que é recomendado para futuras pesquisas, também é um tema com

poucas publicações, Estudos sobre a violência contra a mulher são facilmente encontrados, porém estudos que demonstrem o direito de escolha da mulher quando se refere a não maternidade não é muito comum, a mulher deve ser livre para fazer suas escolhas, e principalmente quando diz respeito a um assunto tão importante como ser mãe, a primeira a desejar a gravidez deve ser essa mulher, a primeira decisão deve partir dela, e uma vez que não queira a maternidade essa mulher precisa ser respeitada e o olhar da sociedade não deve ser de julgamento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. o 9.263, de 12 de janeiro de 1996. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 12 jan. 1996.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19263.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm)>. Acesso em: 15 de março de 2022.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Mulheres mais escolarizadas são mães mais tarde e têm menos filhos.** Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=1717&t=sis-2010-mulheres-mais-escolarizadassaomaestardetemmenosfilhos&view=noticia>>. Acesso em: 15 de março de 2022.

BRANDT, Gabriela Pinheiro; SOUZA, Sílvia, Jaqueline, Pereira de; MIGOTO, Michelle Thais; WEIGERT Simone Planca. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A VERDADEIRA DOR DO PARTO.** Disponível em: <<https://www.herrero.com.br/files/revista/file2a3ed78d60260c2a5bedb38362615527.pdf>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

EDUARDA, Maria. **A Evolução dos Direitos da Mulher do Contexto Histórico e os Avanços no Cenário Atual.** Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direitos-humanos/a-evolucao-dos-direitos-da-mulher-do-contexto-historico-e-os-avancos-no-cenario-atual/>>. Acesso em: 01 de março de 2022.

EMÍDIO Thassia Souza. GIGEK Thaís. “Elas não querem ser mães”: **algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v11n2/v11n2a07.pdf>>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

FICAGNA, Franciele, Tozatti; BRANCO Joyce Christina da Rosa; BACK Nicoli Sangaletti; PORTO Ricardo. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA VIVÊNCIADA PELO ENFERMEIRO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA** Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/sauesantacatarina/article/viewFile/8999/47968220>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

GASPERIN Helena Guimarães; SILVA Sílvia Elaine da; RIBAS Mirian Cristina; LEANDRO José Augusto. **Violência obstétrica: questões conceituais a partir de um estudo bibliográfico na plataforma SciELO Brasil.** Disponível em: <

<http://revistastrictosensu.com.br/ojs/index.php/rss/article/view/76>>. Acesso em: 25 março de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed., 7. reimp. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: < <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2022.

GITA, Sem; BHAVYA, Reddy; ADITI Iyer (2018). **Além da medição: os condutores do desrespeito e do abuso na assistência obstétrica**. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09688080.2018.1508173>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

HORNEY Karen; BÜRGER, Giulia.; RIBEIRO Anna Costa Pinto. (2021). **O feminino para além de Freud. As contribuições de Karen Horney**. Disponível em: < <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3180/2180>>. Acesso em 10 de março de 2022.

KOSHIYAMA Alice Mítica. **A IMPOSIÇÃO DA MATERNIDADE PARA AS MULHERES NA HISTÓRIA E NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**. Disponível em:<[http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499549438\\_ARQUIVO\\_17\\_13WW\\_11fazgen\\_Textocompleto\\_ComnSimposio\\_A.MKOSHIYAMA.doc1.pdf](http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499549438_ARQUIVO_17_13WW_11fazgen_Textocompleto_ComnSimposio_A.MKOSHIYAMA.doc1.pdf)>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado. História de Opressão das Mulheres pelos Homens**. Tradução: Luiza Sellera. Editora Pensamento-Cultrix LTDA, São Paulo. 2019.

LOPES Simone Dalila Nacif.; OLIVEIRA Maria Helena Barros de. **Meu corpo, minhas regras: mulheres na luta pelo acesso ao serviço público de saúde para a realização do aborto seguro**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/xHXjtQkpwjwfxb9bD4yj4TS/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 30 de maio de 2022.

PATIAS, Naiane Dapievi; BUAES, Caroline e Stumpf. **“TEM QUE SER UMA ESCOLHA DA MULHER”! REPRESENTAÇÕES DE MATERNIDADE EM MULHERES NÃO-MÃES POR OPÇÃO**. **PSICOLOGIA & SOCIEDADE**, 24(2), 300-306. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Pkt7hm5DjrWrtk6KzqwgrYj/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

PEREIRA Adriana Soares, SHITSUKA Dorlivete Moreira, PARREIRA Fabio José, SHITSUKA Ricardo. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA**. Disponível em:<[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1)> Acesso em 22 de maio de 2022.

SILVA, Janaína. **PODE UMA MÃE NÃO GOSTAR DE SER MÃE**. Disponível em:<<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=FcPxDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT12&dq=imposi%C3%A7%C3%A3o+da+sociedade+para+mulher+ser+mae&ots=9d9a->

1FZkf&sig=zCTkJ3edDzrojmvaSHIF0Ww0pM8#v= onepage & f=false>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2022.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **ME DEIXEM DECIDIR SE QUERO OU NÃO SER MÃE, NARRATIVAS PESSOAIS DE MULHERES, SOBRE A MATERNIDADE NAS MÍDIAS SOCIAIS.** Disponível em:

<<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14957/FIGUEIREDO%20SOUZA%2c%20Ana%20Luiza%20de%20-%20Disserta%2c%20a7%2c%20a3o%20-%20Me%20deixem%20decidir%20se%20quero%20ou%20n%2c%20a3o%20ser%20m%2c%20a3e%20%20narativas%20pessoais%20de%20mulheres%20sobre%20a%20maternidade%20nas%20m%2c%20addias%20sociais%20%20Ana%20Luiza%20Figueiredo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. acesso em 25 de maio de 2022.

TASSINARI, Ana Júlia Jorge. **MACHISMO, LEI DE PLANEJAMENTO FAMILIAR E CONSTITUIÇÃO: DIREITO DA MULHER BRASILEIRA.** Disponível em:

<<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/9134>>. Acesso em: 15 de março de 2022.

TRAVASSOS, Eliane. **Mulher, História, Psicanálise. Dissertação do Curso de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2003.**

Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86193/226766.pdf?sequ%20ence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 de março de 2022.

VIVAS, Esther. **“A sociedade é um meio hostil às mães e à criação dos filhos”** Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/28/estilo/1551353871\\_772692.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/28/estilo/1551353871_772692.html). Acesso em: 08 de março de 2022.